

Teletrabalho está destinado a sobreviver à vacina contra covid

Pandemia impulsionou o trabalho remoto sobretudo durante a primeira vaga, mas existem riscos para os trabalhadores

Futuro poderá trazer um modelo misto, com o cumprimento de funções em casa por alguns dias da semana ou do mês

João Quetroz
sociidade@jn.pt

EMPREGO O teletrabalho passou de exceção a nova regra. As empresas tiveram de se adaptar a uma realidade pouco conhecida, porque pouco experimentada, que mostrou que, afinal, muitas atividades, antes vistas como dependentes da presença física, podem ser executadas à distância. Há uma revolução em curso na forma de trabalhar em todo o Mundo, que pode favorecer, no futuro, um modelo híbrido, presencial e remoto.

Em 2015, Portugal contabilizava 8% de trabalhadores subordinados em teletrabalho e 3% em regime autónomo, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Entre abril e junho de 2020, o Instituto Nacional de Estatística (INE) contou 1,094 milhões de teletrabalhadores, quase um quarto da população empregada.

“E isto dá que pensar: com a tecnologia certa, bons níveis de comunicação e alguma reorganização no trabalho, o potencial de tarefas que podem ser executadas à distância é muito mais elevado do que se poderia pensar. Do que os empregadores poderiam pensar”, defende Helena André, ex-ministra do Trabalho e atual diretora do Departamento para as Atividades dos Trabalhadores da OIT.

Durante a segunda vaga da covid-19, observa, “o recurso ao teletrabalho tem sido muito menor: terá de haver alguma inovação da parte

de governos, empregadores e sindicatos ao explorarem as funções que podem ser executadas por teletrabalho, se a tempo parcial ou a tempo inteiro”.

ISOLAMENTO E CONFLITO O futuro poderá trazer um modelo híbrido: trabalho à distância durante certos dias da semana ou do mês e o restante nas instalações do empregador. Os estudos

SABER MAIS

O futuro

Segundo um inquérito da Confederação Empresarial de Portugal, 48% das empresas pretendem manter a sua atividade ou parte dela em regime de teletrabalho, depois da pandemia.

Segunda vaga

Uma sondagem da Universidade Católica, no início de dezembro, mostrava que uma larga maioria dos trabalhadores está hoje a exercer a sua atividade no local de trabalho (82%), ao contrário do que acontecia em abril (36%).

Teletrabalhadores

O Observatório de Tendências, do Grupo Ageas Portugal e da Eurogroup Consulting, indica que 77% dos portugueses se mostram satisfeitos com a forma como a sua empresa se ajustou ao teletrabalho.

até agora realizados parecem indicar que as empresas olham, com agrado, para essa solução. E que os trabalhadores ficaram, em geral, satisfeitos com a forma como as empresas se adaptaram a esta forma de prestação do trabalho. Haverá ganhos em produtividade, autonomia e flexibilidade na organização dos seus tempos, em qualidade de vida, menos gastos em deslocações, “porventura menor stress e dispersão.”

“São aparentes vantagens”, para o sociólogo Hermes Augusto Costa, que rivalizam com “desvantagens que sobressaem: o isolamento, a diminuição de contactos sociais, a monotonia decorrente de uma rotina de atividades”, tal como “a diluição entre tempos de trabalho e não trabalho, que pode fazer crescer os focos de conflito familiar”. A maior proximidade à família “soa ilusória, pois a intromissão da esfera profissional na sua vida privada abre caminho” a um aumento do número de horas de trabalho, alerta o também professor da Faculdade de Economia de Coimbra.

É uma das matérias que “carecem de maior atenção”, sublinha Helena André: “O direito ao repouso, a garantia do tempo de trabalho, conciliação, privacidade, saber se teletrabalho, por si só, pode justificar isenção do período de trabalho normal, o direito a desligar. E não penso que seja obrigatório passar por alterações à lei. A negociação coletiva é fundamental.” ●

Um quarto dos funcionários à distância

Está a ser preparado documento sobre o teletrabalho no público e no privado

DECISÃO A meta é colocar em trabalho remoto 25% dos trabalhadores da Função Pública, de entre o universo daqueles que estarão em condições de exercer as suas funções nesse regime. Após três reuniões com os sindicatos que representam os funcionários públicos, para recolher contributos sobre a “eventual necessidade de robustecer o atual enquadramento do teletrabalho” nos organismos do Estado, o Ministério da Modernização do Estado e Administração Pública está a preparar um documento sobre o tema, a ser “apresentado, previsivelmente, no início de 2021”. Está a ser articulado com o Ministério do Trabalho e Segurança Social, “tendo em conta que, apesar das especificidades de cada um, há questões inerentes ao teletrabalho que são comuns aos setores público e privado e que devem ser trabalhadas em conjunto”, esclarece o Ministério, em resposta por escrito ao JN.

O Governo pretende investir em centros de teletrabalho em “co working”, para permitir a conciliação entre a vida profissional e familiar, “garantindo, por um lado, os direitos dos trabalhadores e, por outro, que não há perda de produtividade para a Função Pública”. ●



Alexandra Leitão,
ministra da
Modernização
do Estado

ENTREVISTA
“É preciso envolver os parceiros sociais”

Helena André

Diretora do Dep. Atividades dos Trabalhadores da OIT



O teletrabalho veio para ficar ou é conjuntural?

Estamos perante a maior experiência de teletrabalho da história da Humanidade e parece-me que o impacto será sentido a mais longo prazo e, provavelmente, num número variado de aspetos. Não é o mesmo falar do recurso ao teletrabalho antes da pandemia, durante ou pós-covid-19. Quantas pessoas o vão usar no futuro? Não é fácil prever, mas, se olharmos para a segunda vaga, observamos que a adoção do teletrabalho tem sido muito menor em Portugal.

Um regime misto de trabalho pode ser a solução?

É uma matéria que releva da vontade de negociação. O enquadramento legal existe, terá de ser apoiado pela negociação coletiva. Existem muitos exemplos de recurso ao teletrabalho durante certos dias da semana ou do mês, com o restante ser executado nas instalações do empregador.

Que alterações à lei são necessárias na lei para generalizar o teletrabalho?

Antes de alterar a lei, precisamos de novos estudos sobre o teletrabalho em Portugal, porque vivemos um período excepcional. E não penso que seja obrigatório passar por alterações legislativas. A negociação coletiva é fundamental. Com o estado de emergência, não houve tempo útil para envolver os parceiros sociais nas decisões tomadas para o teletrabalho. Não se deve fazer o mesmo daqui em diante. ●

PROENÇA-A-NOVA



Clara Correia usa o escritório do pai e até tem tempo para cuidar da horta

Regressou à terra natal depois de anos no estrangeiro

Clara Correia A Internet funciona sem interrupções e é o que basta para trabalhar à distância para esta beirã

Célia Domingues
sociedade@jn.pt

TESTEMUNHO Clara Correia esteve os últimos anos a trabalhar no estrangeiro. Há um ano, fixou-se em Lisboa, numa multinacional com sedes na Suíça. Com a área financeira e continuada de negócios a seu encargo, chegou, em março, a pandemia e as medidas restritivas que enviaram vários trabalhadores para casa. A sua empresa não ficou de fora.

Clara, solteira, ficou algum tempo em Lisboa, mas pensou: "O que estou aqui a fazer posso fazê-lo na aldeia e na companhia dos pais". Mudou-se para Figueira, aldeia de Proença-a-Nova, onde existe mais um vizinho em teletrabalho. "Ocupei o escritório do meu pai, que não se importou", conta, a sorrir, Clara Correia, de 43 anos. Regressar à aldeia da infância, teria sido impossível há um ano atrás.

"Trabalhar numa multinacional, a partir do Interior? Nunca imaginei e sei que as ferramentas tecnológicas permitem isso. Mas sair do escritório, não trabalhar em

equipa seria uma anormalidade", pensava. Agora, está rendida. "Está a correr bem. Quando é preciso, fazemos reuniões em videochamada, incluindo com colegas no estrangeiro. Felizmente que a Internet está a funcionar bem", sintetiza.

HÁ TEMPO PARA A HORTA

A viver na aldeia, "sobramos tempo para cuidar da horta, de onde retiramos os alimentos que nos fazem bem melhor que as comidas rápidas de refeitórios ou em restaurantes de Lisboa". E sem hesitações garante: "Se me fosse dada a possibilidade, não me importaria de trabalhar a partir daqui" em dias mais simples, que começam com um café tomado à janela para as oliveiras ou na varanda quando faz sol.

A poucos quilómetros, na

"Se me fosse dada possibilidade, não me importaria de trabalhar daqui" em dias mais simples, que começam com um café à janela

Sobreira Formosa, no mesmo concelho, encontramos Sara São José também "agarrada" ao computador. Com 36 anos, responsável por um serviço de gestão de campanha no Contact Center da Altice em Castelo Branco, Sara São José, casada, sem filhos, está a trabalhar em casa desde 17 de março, com algumas interrupções, nesta aldeia.

"Só o tempo que se perde na estrada é uma mais-valia". A casa não é grande e começou por trabalhar na cozinha. Agora, já arranjou um canto na sala. "O maior problema é o da ergonomia, ou seja, no local de trabalho, esses aspetos estão acautelados com a colocação do ecrã na altura certa".

Desde que está na aldeia, confessa que tem mais tempo para cuidar da mãe. "Telefonei-lhe mais vezes, posso acompanhá-la. Uma das potencialidades que regime de teletrabalho que a maldita pandemia nos dá é que muitos podem, se quiserem, regressar ao Interior, acompanhar os familiares idosos. E o Interior precisa muito disso", conclui. ●

SERRA DA ESTRELA



Pousada da Juventude da Serra da Estrela foi sede da empresa por uma semana

Empresa de Braga junta trabalhadores na serra da Estrela

Fernando Vieira Esteve com quatro colaboradores a ultimar os processos de 2020 e a planear o novo ano

Célia Domingues
sociedade@jn.pt

TESTEMUNHO Na sala com paredes de madeira, as mesas estão colocadas lado a lado e, com um intervalo de uma delas vazia, está um computador. Os colaboradores estão atentos aos vários ecrãs, conversam entre si sobre o trabalho em curso. Durante o dia, vão ao exterior daquela que é a "sede da empresa" por uma semana: a Pousada da Juventude da Serra da Estrela. Param, por vezes, na enorme lareira da sala da unidade de alojamento, não que esteja frio, porque as pantufas que trazem nos pés não deixam que estes arrefeçam, mas para ver os troncos a arder.

No ponto mais alto de Portugal continental, Fernando Vieira está com quatro colaboradores da sua empresa, sediada em Braga, a ultimar os processos do ano passado e a planear o novo ano, numa sala onde colocou os computadores, impressoras e projetor. "Não me importaria de mudar a sede da empresa para o interior, mas, em Braga, esta-

mos perto do aeroporto, o que é uma vantagem".

FAZEM CAMINHADAS

Fernando Vieira fundou há dois anos a Pleneco, uma empresa na área da consultoria a associações juvenis. Na procura de locais para a realização de formações, encontrou a Pousada da Juventude da Serra da Estrela, com preços vantajosos. Fez ali amigos. Já regressou com os colaboradores em férias e, na semana antes do Natal, retornou para uma semana de teletrabalho.

Por 35 euros ao dia, conta Fernando Vieira, "estamos aqui em teletrabalho, dormimos e tomamos as refeições em conjunto, em segurança e com atividades antes e depois do trabalho, como fazer caminhadas". O administrador pagou a esta-

"Não me importaria de mudar a sede da empresa para o interior, mas, em Braga, estamos perto do aeroporto e é uma vantagem"

dia. "Fazemos as nossas reuniões, convivemos e debatemos, sem riscos, para nós e para as famílias e num ambiente muito mais saudável", acrescenta Rui Teixeira, um dos colaboradores. É a quarta reserva que a Pousada da Serra da Estrela recebeu no final do ano passado, no âmbito da campanha "Aqui trabalha-se".

O presidente da Federação de Desportos de Inverno de Portugal, Pedro Farromba, entidade gestora da Pousada da Juventude, explica que esta ideia nasceu devido "a todas as restrições, impostas pela pandemia. Criámos um modelo em que as pessoas podem vir para a serra da Estrela usufruir de toda a proximidade com a natureza e, em simultâneo, desenvolver a sua atividade profissional, em regime de pensão completa".

O setor do alojamento turístico viu na pandemia uma oportunidade para apelar a reservas junto de quem está em teletrabalho em casa, sem grandes possibilidades de, ao fim do horário de trabalho, se distrair em segurança. ●